

M. mo. J. mo.  
V. Ex. Sr. D. J.  
A. Henriques.

Tendo eu sido nomeado, na  
ilha de S. Thomé, presidente da Commissão  
executiva, encarregada de angariar pro-  
ductos para a Exposição Insular e Colonial,  
do Porto, que devia realizar-se, nesta  
mesma Cidade, em maio de 1896, offereceu-  
se-me favoravel ensejo de apreciar os  
valiosos serviços que V. Ex.ª tem prestado  
à botânica, em geral, e às culturas  
que mais se devem desenvolver nas  
nossas colonias do ultramar.

Tratei eu, então, de organizar  
e publicar como especie de guia, lembrando  
aos agricultores, negociantes e funcionarios  
os productos que mais convinha preparar,  
sendo este trabalho dado à estampa n'um  
supplemento ao Boletim official da  
Provincia, e eu, a fim de V. Ex.ª  
poderse apreciar este guia e indicame

qualquer falta ou mesmo erro.  
— pois não são estes os trabalhos da  
minha especialidade — apressei-me a  
enviar um exemplar a V. Ex.<sup>a</sup> e a pedir-  
lhe o distincto favor de me dar as indi-  
cações, que, porventura, tivesse por  
mais indispensáveis para eu bem  
o poder completar.

Foi por essa feliz occasião também  
que eu remetti um exemplar desta  
mesma publicação ao Sr. Adolpho Freder-  
ico Moller e d'este mesmo Sr. recebi  
uma boa collecção de artigos sobre botâ-  
nica applicada e que são de uma  
utilidade nat. para o mais largo desenvol-  
vimento da nossa agricultura e industria  
Colonial.

Por todos os trabalhos publicados  
por V. Ex.<sup>a</sup> e pelos do Sr. Adolpho  
Frederico Moller pude eu orientar-  
me e proceder, com mais segurança,  
no collocamento dos productos  
a remetter para a Typographia Real e  
Colonial do Porto.

Encontrei todavia muita reluctancia nos agricultores e negociantes em preparar os productos, que eu mais recommendava, pelos desgostos que sempre tiveram nas exposições nacionaes e estrangeiras a que haviam concorrido. Eu mal julgava eu que na Exposição Insular e Clinica do Porto, se haviam de seguir os mesmos processos de trabalho que se seguiram nas outras exposições, pois nem se apresentaram ainda o catalogo geral nem o relatório justificativo dos recompeços, que, por ventura meariam os expositores das cidades de S. Thomé e Brimpe.

Não fui eu ainda exonerado dos trabalhos de que fui encarregado e retirei-me de Lisboa para S. Thomé sem saber o que hei de dizer aos agricultores e negociantes d'esta ilha que mais se interessaram por esta exposição!

No entanto para as perdas e para os desgostos não serem

maiores, julgo do meu dever  
recorrer a V. Ex.<sup>ta</sup> e pedir-lhe, com  
o mais vivo empenho, para fazer re-  
colher ao museu da Universidade  
de Coimbra os productos de algumas  
fazendas e constantes da relação, que  
vêe junta.

Nada vejo que se tenha pu-  
blicado, no Porto, Braga ou Lisboa  
a respeito da cultura colonial, em  
especial, ou a cerca da botânica colonial  
applicada ou ainda ao que se refere  
à flora colonial, em geral. Não  
conheço, além d'isto, nenhum esta-  
belecimento scientifico do Peij, nem  
Atheneu ou associações de industriaes  
ou Commercial que tenham, por  
qualquer modo, promovido o  
estudo pratico da flora, muito em  
particular no que pertence à flora  
dos pantanos e dos solos pântanos.

O mesmo facto se me apre-  
sentam quando attento nos museus  
industriaes de Lisboa e Porto.

Os trabalhos que V. Exc.<sup>ta</sup> publicou  
assim como os de Adolphus Frederico  
Möller são, porém, muito bem  
conhecidos e se houvesse entre  
nós uma boa orientação colonial  
as jardins Botânica de Coimbra e  
as museu da Universidade  
deveriam ser enviados produtos,  
reunidos com extrema cuidado  
em cada um das nossas colônias.  
Queria em que houvesse, pelo  
menos, na ilha de S. Paulo, e  
por intervenção de V. Exc.<sup>ta</sup>,  
um campo de acção e  
assim se devia todo o incre-  
mento possível às culturas  
e às indústrias locais.

O que é certo é que a Uni-  
versidade de Coimbra, pelos  
cursos de especialidade, occupa  
o primeiro lugar nos trabalhos de  
propaganda e de vulgarização  
das riquezas colonias, e é  
por isso mesmo que as museu

da Universidade deviam ser  
entregues todos os productos que  
os agricultores e negociantes  
Cunha de S. Thomaz e  
Principe enviam a exposições  
nacionais e colonias do Porto.

Não posso conformar-me com  
os processos que se têm empregado  
e empregam nas exposições colonias  
e o que succederá na exposição  
colonial internacional que se pensa  
em realisar, em 1897?

o julgar pelo que se tem  
feito nos outros nem a botânica  
colonial pôde avançar mais alguns  
passos, nem a botânica applicada  
se aproveita com vantagem, nem  
os agricultores ganham nem ao com-  
mercio e a industria adveem as  
vantagens que se podiam e  
deviam esperar.

Por agora trata-se de  
salvar o espécime, e alguns  
productos e por isso nem

tomo a liberdade de enviar  
 a Relação dos expositores, a  
 que acima já me referi e com  
 o mais vivo empenho peço que  
 os não deixe ficar abandonado.

Logo que eu chegar a S. Thomé  
 de. de entender-me com os princi-  
 paes negociantes e agricultores e empre-  
 garei os meus melhores esforços  
 para que se façam algumas re-  
 missões de productos e se  
 completem assim as collecções que  
 receber, do palácio de Lyttel, ao Porto.

Para regularidade e melhor  
 efficacia deste trabalho, tal vez não  
 podese promover junto ao ministro  
 da marinha e ultramar o encargo  
 me de colleccionar os productos vege-  
 taes das ilhas de S. Thomé e  
 Príncipe, sendo as remessas  
 feitas por a Universidade de  
 Coimbra nas mesmas condições em  
 que se fazem os productos  
 da Madeira.

Devo retirar-me para a ilha de S. Thomé no dia 6 do proximo mes de março de corrente anno e muito desejava que V. Ex.<sup>a</sup>, até esse data, me dissesse que os agricultores, cujos productos se colhem ao musen da Universidade e que os que creiam de ali entrar a fim de em poder dar francez e leas explicações aos que quizeram saber o que se passa a este respeito.

Tambem é especialissimo favor o fazer ao ministro da marinha e ultramar a proposta, a que acima me refiro para eu ser encarregado de reunir e remetter para a Universidade de Coimbra os productos vegetaes que melhor caracterizam a flora das ilhas de S. Thomé e Principe e muito particulomente a flora dos pantanos, paves e focos palustres mais activos.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>  
Ilmo. Ex.<sup>a</sup> Sr. J. B. Henriques, muito  
digno director do Jardim Botânico de Coimbra  
e professor de Botânica

Laboy, 10 de  
Janeiro de 1871.

Manuel Ferraz-Ribeiro, presidente  
de um comitê executivo em cargo de - Co. auxiliares